

ANAGRAMAS DE SAUSSURE: FORMAS OU SUBSTANCIAS?

Marcen de Oliveira SOUZA
Universidade Federal de Uberlândia
marcensouza@hotmail.com

Resumo: A produção saussuriana sobre os anagramas (1906-1910), publicadas por Jean Starobinski ao final dos anos de 1960, possui alguns contrapontos teóricos em relação ao *Curso de Linguística Geral* (1916). Um desses contrapontos é a relação entre forma e substancia discutida por Wunderli (2004) e Silva (2009) ao analisarem os elementos anagramáticos ora num viés substancial, ora num aspecto formal. A partir dessas duas perspectivas opostas, pretendemos analisar algumas características do fonema no pensamento saussuriano, tendo como fundamentação teórica o *Curso de Linguística Geral* (1916), a publicação dos manuscritos de saussurianos Harvard (*apud* PARRET, 1993) e também os estudos de Troubetzkoy (1964), com o objetivo de apreender que estatuto o elemento anagramático possui no contexto poético dos anagramas.

Palavras-chave: Saussure; Anagramas; Forma; Substancia; Fonema.

1 – Introdução

Os anagramas de Saussure, tal como ficou conhecido sua produção¹ no campo da poética, surge como uma segunda revolução² no campo da linguagem, originando a dicotomia³ “Saussure dos Anagramas” e “Saussure do *Curso de Linguística Geral*”⁴. Nessa relação dicotômica, alguns estudos abordaram a produção sobre os anagramas sob um ponto de vista de proximidade quanto de oposição em relação ao *CLG*.

Tal relação de proximidade ou de oposição pode ser observada a partir de duas perspectivas teóricas: de Wunderli (2004) que propõe que os elementos anagramáticos são substancias enquanto figurarem dispersos no poema e Silva (2009) que propõe uma relação da teoria do valor na reconstituição dos elementos anagramáticos, portanto sendo formas (e não substancias).

¹ Essa produção ficou conhecida após a publicação de Jean Starobinski ao final dos anos de 1960; no Brasil, após a publicação do livro *As palavras sob as palavras – os anagramas de Ferdinand de Saussure*, publicado em 1974.

² A nomeação de segunda revolução saussuriana está circunscrita no que Pêcheux (1998) nomeou de um ‘retorno às origens’, isto é, um retorno à Saussure (linguística), a Marx (história) e a Freud (psicanálise) ocorrida após o declínio do estruturalismo (a partir dos anos 70) e também por meio do artigo de Aron (1972) intitulado *Une seconde révolution saussurienne?*.

³ A noção de dicotomia pode ser compreendida como uma ‘divisão em dois, bifurcação, ramificação em forquilha’ (CUNHA, 1986, p. 263); esta dicotomia foi denominada pela primeira vez na conferência realizada em 1974 na Universidade de Columbia (EUA) cujo tema foi “Dois Saussure?” (*cf.* Gadet e Pêcheux [2004]; Calvet [1975]).

⁴ Doravante conhecido como *CLG*, ou *Cours*, utilizaremos, a partir de agora, ora um termo quanto o outro.

Esses dois pontos de vista operam a partir dos conceitos de signo linguístico, princípio da linearidade, teoria do valor e fonema (conceitos expostos no CLG). Nos anagramas, os pontos teóricos pautam-se na fragmentação do signo, no princípio da não consecutividade e sob os elementos anagramáticos. Tendo em vista esses pontos teóricos, perguntamos: para Saussure, o elemento anagramático é substância ou forma, ao figurarem na composição do poema?

É fato que a substancialidade sonora e até mesmo a escrita é relevante para a composição poética, visto que possibilitam efeitos estéticos diversos, como rimas (internas ou externas), entonação, musicalidade e até mesmo efeitos visuais. Entretanto, é fato que o pensamento saussuriano a partir do CLG é pautado sob a formalidade relegada ao objeto língua, pela definição de língua enquanto forma, enquanto sistema cujos elementos estão em relação diferencial e opositiva.

Sendo assim, a análise desse trabalho, não se propõe apenas diferenciar dois pontos de vista, mas pauta-se em investigar que essa possibilidade de apreender até que ponto, ambas as produções de Saussure se revestem de um ou mais ponto de vista. Nesse percurso, passaremos por uma breve exposição das duas perspectivas supracitadas – Wunderli (2004) e Silva (2009) – e em seguida procuraremos analisar o lugar do fonema no pensamento saussuriano, por meio das seguintes produções: Curso de Linguística Geral, edições críticas do CLG (Engler [1989] e De Mauro [1974]), publicações dos manuscritos e Harvard (Parret [1993]) e por último à produção de Troubetzkoy (1964 [1938]), a fim de compreender melhor a relação forma e substância nos anagramas.

2 – Uma análise, duas perspectivas

Abaixo reproduzimos um trecho de um manuscrito⁵, em que se observam os fragmentos do hipograma⁶ *Politianus*, retirado de um texto⁷ do poeta Angelo Policiano⁸:

⁵ Esse trecho refere-se a uma parte da página 01 de um dos cadernos em que Saussure analisa o epitáfio do poeta Angelo Policiano. Em toda obra de Starobinski (1974) – em que é transcrito e editado partes dos manuscritos de Saussure sobre os anagramas – há apenas uma reprodução literal desses manuscritos. Esta transcrição engloba apenas seis páginas de um dos cadernos, num conjunto de 11 cadernos dedicados a este poeta e catalogados como *Ms. Fr. 3967*.

⁶ Termo cunhado por Saussure para referir aos nomes fragmentados nos versos do poema.

⁷ Poema completo:

*Canditus hic ego sum picturae fama Philippus:
Nulli ignota meae est gratia mira manus.
Artifices potui digitis animare colores,
Sperataque animos fallere voce diu.
Ipsa méis stupuit natura expressa figuris,
Meque suis fassa est artibus esse parem.
Marmores tumulo Medices Laurentius hic me
Condidit; ante humili pulvere tectus eram*

⁸ Poliziano, Angelo Ambrogini, *Montepulciano, 1454 – Florença 1494*, humanista e poeta italiano. Filólogo, autor de poemas em grego, latim e italiano, escreveu *Estâncias para a justa* (1478) e *Fábula de Orfeu* (1480), que inspirou o *Orfeu* de Monteverdi (1607). (LAROUSSE, 2007, p. 1660).

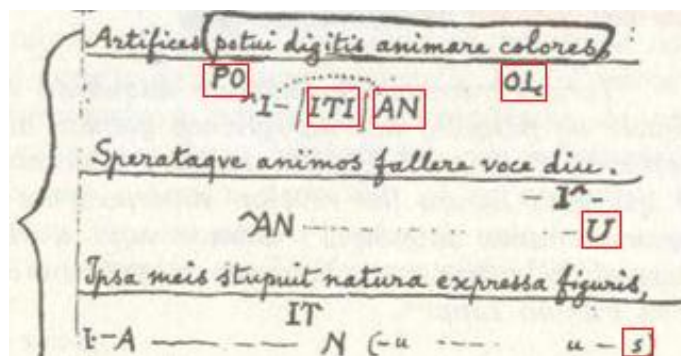


Fig. 1 - Reprodução parcial da página 01

Como se pode notar, os fonemas que compõem o hipograma *Politianus* estão alinhados fora da linearidade habitual de um vocábulo, desalinhamento esse que Saussure nomeou de não-consecutividade. Nessa passagem composta por três versos, poderíamos afirmar que a sequência dos elementos anagramáticos (sinalizados em vermelho) do signo *Politianus* é: /pɔ-iti-ã-ol-u-s/.

Um dos argumentos de Wunderli (2004) é que esses elementos anagramáticos podem ser tomados ora como formas, antes de serem anagramatizados e ora como substâncias, ao versarem na superfície do poema. De fato, essa perspectiva se sustenta a partir da proposição de que o fenômeno anagramático não é um fenômeno linguístico, mas sim poético. Para Wunderli (2004, p. 181)

Sempre que há uma divergência entre as declarações do Cours e nas notas de Saussure sobre o anagrama, não estamos lidando com uma contradição no sentido estrito, mas sim com dados diferentes entre a linguagem padrão e a linguagem poética.⁹

Ao contrário desse viés, Silva (2009) aponta que esses elementos só poderiam ser reconstituídos por estarem submetidos à teoria do valor, de modo que eles só poderiam ser tomados enquanto formas. Essa hipótese, parte do princípio de que “A teoria do valor é um dos conceitos cardeais do pensamento saussuriano [...]” (*op. cit.* p. 151), de modo que o próprio fenômeno dos anagramas está submetido a essa teoria. Entretanto, para uma melhor apreensão da dicotomia anagramas – CLG seria importante questionarmos se devemos considerar o elemento anagramático como forma pelo fato de supormos que a teoria do valor incide sobre os anagramas ou se podemos perguntar: qual o estatuto de fonema para Saussure?

Na análise de Silva (2009), essas expressões são revisitadas, apontando que a composição do anagrama é baseada na **análise fônica** (grifo da autora). Além disso, parafraseando Starobinski (1974), ela pondera que

O anagrama saussuriano não segue a definição tradicional do termo segundo a qual um anagrama é uma palavra completa formada por todas as letras de outra palavra, pois é caracterizado pela sua motivação fônica e não ortográfica [...] (SILVA, 2009, p. 146)

⁹ Tradução nossa de: Whenever a divergence is found between the statements in the *Cours* and in Saussure’s notes regarding the anagram, we are not dealing with a contradiction in the strict sense, but rather with different givens in fields of standard and poetic language.

Na realidade, há dois momentos na análise de Silva (2009): o primeiro quando ela retoma a expressão 'elementos fônicos' para explicar o funcionamento do anagrama e o segundo quando sua pesquisa se direciona para a idéia de hipograma (que já aponta para a reconstituição do nome), em que a autora insere o termo fonema hipogramático. É, então, nesse segundo momento que a teoria do valor é relacionada aos anagramas, proposta exatamente oposta à de Wunderli (2004).

Nesse sentido, a expressão **fonema hipogramático** é uma nova informação trazida por Silva (2009) e não um termo utilizado por Saussure¹⁰. Embora notamos nesse momento uma reelaboração a partir da leitura que Starobinski (1974) fez dos manuscritos saussurianos sobre os anagramas, concordamos com Silva (2009) de que um fonema hipogramático está sob o domínio do valor, visto que a recomposição do nome fragmentado depende dos valores que cada fragmento possui numa relação de diferença e oposição em relação aos demais elementos do poema. Entretanto, ao contrário de transpormos para um resultado formal dos elementos anagramáticos, pela via radical da teoria do valor, propomos trilhar o percurso a partir da noção de fonema no pensamento saussuriano, iniciando pelo CLG.

3 – Fonema: um conceito em construção no CLG

A noção de fonema no CLG está ligada, inicialmente, à delimitação da língua enquanto objeto exclusivo da linguística. Ao propor a língua como objeto em detrimento de outros aspectos da linguagem, Saussure pode propor uma distinção entre o aspecto sonoro da linguagem e a imagem acústica. Saussure assim explica:

Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez, com a idéia, uma **unidade complexa fisiológica e mental (grifo nosso)**. (SAUSSURE, 1973, p. 16).

Para Saussure, embora o som possua o lugar na realização física, fisiológica e até mental no universo da linguagem, tais aspectos se tornam secundários para o estudo da língua. Saussure radicaliza essa visão sobre o aspecto sonoro da linguagem quando expressa que “[...] é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1973, p. 16).

Situar no terreno da língua implica avançarmos um pouco mais, quando Saussure precisa os aspectos concernentes à teoria do valor. Nesse capítulo, Saussure ressalta que a língua é responsável pelo corte entre as duas massas amorfas, das *idéias confusas* e dos *sons indeterminados*. A língua recorta dois planos indeterminados, caóticos, não com o objetivo de moldar o pensamento, mas simplesmente numa ação intermediária, delimitadora de elementos formais e diferenciais.

Não nos parece que seja fácil para Saussure apresentar essa concepção de língua e muito menos distinguir/delimitar uma noção de unidade mínima da língua em relação aos aspectos sonoros/fisiológicos da cadeia da fala. Notemos que num primeiro instante ele nomeia a união som + idéia de *unidade complexa fisiológica e mental* e no capítulo sobre a

¹⁰ É importante lembrar que esse termo foi introduzido por Starobinski (1974) e não por Saussure.

teoria do valor, refere-se a uma áurea misteriosa que paira entre a relação pensamento-som.

Para clarear essa união, Saussure (1973, p. 131) faz uso da analogia da folha de papel, em que

[...] o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim, tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som [...].

Nesse momento, Saussure coloca que a Linguística trabalha nesse limiar da linguagem, cuja combinação imagem-idéia, pensamento-som resulta numa combinação formal e não substancial. Ao propor esse distanciamento do objeto língua de qualquer aspecto substancial, material e corpóreo, Saussure entra no campo da sistematização lingüística e se inscreve, de fato, no terreno da língua.

Além disso, o lugar que Saussure propõe à linguística, a partir da junção pensamento-som, implica considerar o *caráter psíquico* da própria língua. De acordo com Saussure (1973, p. 80)

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema.

Podemos notar, nessa passagem, que o som e até mesmo o aspecto fônico da produção da fala se situa em segundo plano, pelo fato de que o falante, como indica Saussure, pode mentalizar um sintagma sem pronunciar nenhum som a partir do aparelho fonatório. Isso somente é possível se levarmos em conta o aspecto psíquico da imagem acústica. Nesse sentido é que Saussure (1973, p. 80) pode afirmar que “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...]”, sendo, portanto, isolado de qualquer materialidade física ou fisiológica que a linguagem possui.

Sendo assim, a imagem acústica não é o som em si, nem tão pouco algo da ordem da cognição humana, no sentido de que o signo se reveste de algum elemento presente no cérebro do falante. A imagem acústica é a contraparte do conceito que, combinando, resulta no próprio signo linguístico.

De certa forma, a imagem acústica participa (ou advém) do aspecto fônico da cadeia sonora e, ao mesmo tempo, participa do sistema da língua. Pode-se afirmar que ela está no limiar entre a substância fônica e a concretização formal da língua enquanto sistema. Assim, embora possa se observar nesse momento a formalização do signo em seus constituintes psíquicos imagem acústica e idéia (que culminarão em significante e significado) as concepções de fonemas estão ainda em uma fase embrionária. Nessa fase, ainda há uma ênfase na imagem acústica em sintonia com a noção de fonema.

Na primeira menção do termo fonema no CLG¹¹, Saussure (1973, p. 23) relaciona uma imagem acústica a um grupo de fonemas, afirmando que

¹¹ É importante ressaltar que nos cadernos dos alunos de Saussure transcritos na Edição Crítica de Engler não há menção do termo fonema nas anotações referentes a este trecho (Engler, 1989, p. 44)

[...] cada imagem acústica não passa, conforme logo veremos, da soma dum numero limitado de elementos ou fonemas, suscetíveis, por sua vê, de serem evocados por um numero correspondentes de signos na escrita.

No capítulo VII, *A Fonologia*, tem-se outra passagem que se refere ao termo fonema¹² em que “[...] cada língua, de fato, opera com um número determinado de fonemas bem diferenciados” (SAUSSURE, 1973, p. 44).

Após essa parte, têm-se o Apêndice, cujo primeiro capítulo é *As espécies fonológicas*¹³. Neste capítulo, Saussure diferencia a produção dos sons (ato de fonação) da percepção acústica desses sons. Assim, os sons seriam exterior á língua, enquanto que a impressão acústica desses sons possibilitaria a própria delimitação no estudo das línguas.

Embora Saussure faça essa diferenciação entre a essência fônica da fala e a impressão acústica de quem ouve tem dessa cadeia sonora, Saussure (1973, p. 51) situa e define o fonema¹⁴ num terreno limítrofe, como sendo

[...] a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia.

Assim, conforme nota nº 112 de De Mauro (1974), observa-se Saussure associar o fonema como um termo participante tanto da fala quanto da língua. Além disso, observa-se nas anotações de Albert Riedlinger e de Louis Caille (*apud* Engler, 1989, p. 105) que o fonema é um resultado da junção entre *tempo acústico* (F) e *tempo articulatório* (f) considerando a seguinte fórmula $\frac{F}{f}$ = fonema (retomando a definição supracitada – CLG, p. 51). Assim, um fonema se define como o resultado de um efeito de articulação vocal e de uma imagem acústica.

Entretanto, ao buscar uma melhor categorização de fonema¹⁵, Saussure (1973, p. 54) expressa que

¹² Aqui, notamos também que não há, conforme Edição Crítica de Engler (1989) nenhuma nota dos cadernos dos alunos de Saussure quanto a esta passagem do CLG – Inserimos essas duas notas para acompanhar o que da menção de fonema no CLG, que não esteja nos cadernos dos alunos de Saussure, possa nos indicar certa idéia, similar ou diferencial, na relação CLG – notas dos alunos para compreendermos melhor a noção de fonema no pensamento saussuriano.

¹³ Esse capítulo inicia-se com a temática ‘Definição do Fonema’; na Edição de Tulio de Mauro (1974) há uma longa nota (nº 112) vinculada a esta temática que traz as seguintes pontuações: a) primeira vez que o termo fonema foi proferido, por A. Dufriche-Desgenettes em 1873, em um trabalho sobre as consoantes nasais; b) foi utilizado por Saussure no *Mémoire* vinculado a uma noção de sistema fonológico; c) a partir disso, Kruszewski diferencia ‘som’ e ‘fonema’ que por sua vez culmina na primeira conceitualização de fonema, por Baudouin de Courtenay, como sendo a representação psíquica e abstrata dos sons da cadeia falada De acordo com esta nota, o termo fonema percorre um percurso teórico na linha Kruszewski- Courtenay-Trubetzkoy sendo que Saussure possui um lugar menos relevante. De acordo com esta nota, Saussure vê a noção de fonema como um elemento diferencial, porém ainda vinculado ao aspecto da fala. De um modo geral, será necessário, como já analisamos a primeira menção de fonema no CLG comparando com as notas dos cadernos dos alunos, aprofundarmos a noção de fonema em Saussure a partir dessas correspondências CLG-Engler. Relembramos também que ainda faremos uma contraposição dessas idéias com os Escritos de Linguística Geral e os manuscritos de Harvard, a fim de obter uma noção mais completa do termo *fonema* em Saussure.

¹⁴ Os cadernos de Albert Riedlinger e Louis Caille apresentam essa passagem com o termo fonema.

[...] enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros. Ora, um fator negativo pode ter maior importância para a classificação que um fator positivo.

Aqui notamos indícios da teoria do valor, em se tratando de determinar um dado elemento a partir daquilo que ele difere de outros elementos, isto é em sua negatividade, tal como exposto na parte que trata do valor conceitual, cuja *característica mais exata é ser o que os outros não são*. (SAUSSURE, 1973, p.136).

Convém ressaltar que a teoria do valor foi um dos últimos ensinamentos linguísticos de Saussure, datadas no 3º Curso de Linguística Geral no ano de 1911¹⁶. Entretanto, de acordo nota nº 112 de De Mauro (1974) esses apontamentos que trazem as características básicas sobre a noção de valor linguístico em relação aos fonemas, já estavam presentes nos primeiras aulas de linguística geral, por volta de 1906. Além disso, conforme introdução dos próprios editores do CLG neste capítulo os princípios fonológicos, foram utilizados apontamentos de Saussure oriundos de três conferências pronunciadas em 1897, com o tema *A teoria da sílaba*¹⁷.

No capítulo dedicado às análises fonêmicas na cadeia falada¹⁸, ao analisar os fonemas da língua, Saussure (1973, p. 67) expressa

Formulou-se a teoria de que, em todo fonema simples considerado na cadeia falada, por exemplo, *p* em *pa* ou *apa*, ocorrem sucessivamente uma implusão e uma explosão (\hat{a} $\overset{<}{pa}$). Sem dúvida, toda abertura deve ser precedida de um fechamento; para considerar outro exemplo ainda: se digo $\overset{>}{r}$ $\overset{<}{p}$, após ter feito o fechamento do *r*, deverei articular com a úvula um *r** que se abre enquanto a oclusão do *p* se forma nos lábios. Para responder, porém, essa objeção, basta especificar bem qual é nosso ponto de vista. No ato fonatório que vamos analisar, levamos em conta apenas os elementos diferenciais, destacados para o ouvido e capazes de servir para uma delimitação das unidades acústicas na cadeia falada. Somente essas unidades acústico-motrizas devem ser consideradas; assim, a articulação do *r* explosivo que acompanha a do *p* explosivo é inexistente para nós, pois não produz um som perceptível ou, pelo menos, porque não conta na cadeia de fonemas.

¹⁵ Observamos que nestas em que o termo fonema aparece explícito na edição Crítica de Engler se referem, na maioria, ao 1º Curso de Linguística dado por Saussure e estão anotadas, na maior parte, nos cadernos de Albert Riedlinger.

¹⁶ Conforme quadro biográfico do CLG, 1973.

¹⁷ Sendo assim, ao pensar na observação trazida por Tullio de Mauro (1974), em que a noção de fonema no início de século XX estava baseada numa corrente de pesquisadores cujo lugar Saussure não se destaca, levanta-nos uma questão em saber o motivo da ausência do mestre genebrino nessa corrente, considerando o ponto de vista da relação entre o termo fonema e a noção de valor em Saussure. Esta questão nos vem nesse momento e somente pode ser respondida, se possível, ao abordar o pensamento de Troubetzkoy na obra *Princípios de Fonologia*, composta por estudos escritos entre 1921 e 1929. Em princípio, podemos questionar qual será a ênfase dada à teoria do valor nesses estudos troubetzkoyanos, se está explícita, implícita ou mesmo ausente nesses estudos.

¹⁸ De acordo com De Mauro (1974, p. 437), nota 119, esse capítulo é uma das raras seções do CLG atribuídas a apenas um dos editores, nesse caso Charles Bally.

Na passagem acima, a ênfase de Saussure está em observar em que medida os elementos diferenciais possibilitam delimitações nas *unidades acústicas da cadeia falada*. A questão da diferencialidade dos elementos também será abordada no capítulo do CLG *O valor linguístico*. Neste momento, há também certa predominância das diferenças entre os elementos em se tratando do aspecto material do signo. Para Saussure (1973, p. 137),

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação.

Assim como o aparelho fonador, Saussure deixa em segundo plano o som puramente físico e enfatiza as diferenças fônicas existentes na cadeia linguística. Nesse mesmo capítulo sobre o valor linguístico, o mestre genebrino expressa que

[...] é impossível que o som, elemento material, pertença por si só à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhe serve de suporte. Assim, não é o metal da moeda que lhe fixa o valor; [...] Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, este ao é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substancia material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (SAUSSURE, 1973, p. 138)

Mas, embora ciente de que o som é secundário, é a partir das diferenças que permitem uma distinção entre as *imagens acústicas*, e que se pode estabelecer o valor em seu aspecto material. É nesse sentido que o subtítulo *O valor linguístico considerado em seu aspecto material* indica que a substância fônica, se submetida á teoria do valor, pode ser considerada como um elemento da língua, e não apenas da *parole*.

Nesse sentido é que observamos uma nota do aluno Riedlinger (desta mesma passagem supracitada do CLG) que enfatiza o valor do aspecto fônico, em que ele anota

Não se pode ocupar da língua sem se ocupar das mudanças do som: < o som é um fator capital na língua; > e, entretanto, num certo sentido, o < fenômeno fonético > é estranho à essência da língua. ¹⁹ (*apud* Engler, 1989, p. 264)

Entretanto, o foco da questão som-fonema é voltado para as diferenças entre os elementos da língua, sejam eles sonoros ou impressões desses sons, e não a positividade da cadeia enquanto suporte material da língua. Na sequência, Saussure insere esses princípios diferenciais do significante nos fonemas. Citemos:

Esse princípio é tão essencial que se aplica a todos os elementos materiais da língua, inclusive os fonemas. “Cada idioma compõe suas palavras com base num sistema de elementos sonoros e cujo numero está perfeitamente determinados. Mas o que os caracteriza não é, como se poderia crer, sua

¹⁹ **Tradução nossa de:** On ne peut pas s’occuper de la langue sans s’occuper du changement du son: < **le son** est un facteur capital de **la langue**; > et cependant, dans un certain sens, le < phénomène phonétique > est étranger à l’essence da la langue.

qualidade própria e positiva, mas simplesmente o fato de não se confundirem entre si. Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas. (SAUSSURE, 1973, p. 138).

Assim, observamos que o valor sobrepõe à substancialidade da linguagem, à sua sonoridade. Embora as anotações dos alunos reflitam a idéia expressa no CLG, nos surpreendemos pelo fato de que a passagem acima não consta nas anotações dos alunos²⁰.

De acordo com De Mauro (1974, p. 466) cuja nota 236 refere-se à citação do CLG acima,

Se fala, nas fontes manuscritas da passagem, de << elementos fônicos >> ou << sonoros >>, não de << fonemas >>, termo introduzido aqui e ali pelos editores para designar as unidades funcionais.²¹

Conforme visto nos apontamentos teóricos acima, a partir do *Curso de Linguística Geral* (1916) e das Edições Críticas do CLG (de Engler [1968] e de De Mauro [1974]), pode-se notar uma tentativa inicial de Saussure em formular as primeiras diferenças entre o que agora conhecemos como os estudos fonéticos dos fonológicos. Situemos nesse momento alguns pontos sobre a noção de fonema na elaboração saussuriana a partir da publicação de Parret (1993) sobre os manuscritos de Harvard.

4 – Aspectos fonêmicos a partir dos manuscritos de Harvard

Um estudo sobre os manuscritos saussurianos de Harvard foram publicados por Herman Parret nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 47 (1993 [1994]), compreendendo diversos estudos de Saussure, desde aspectos gramaticais, fonéticos, análises de línguas clássicas, mitologia e lexicografia.

Interessam-nos nessa produção alguns apontamentos a respeito do campo da fonética, em se tratando das questões que se referem à noção de fonema. É importante ressaltar que não há datação desses trechos, de forma que não nos preocuparemos com o fator de concomitância ou anterioridade histórica dessa reflexão em relação aos anagramas ou ao CLG. Assim, objetivamos compreender o modo como Saussure discute a noção de fonema e outros conceitos correlativos nesses manuscritos.

Num primeiro momento, Saussure busca situar o fonema numa relação com outros elementos (além do próprio fonema) exteriores à cadeia sonora. Observe

Fonema: jogo simultâneo / som é o resultado de todos os fatores necessários para uma espécie fonética e com variantes que incluem as espécies por oposição a vários fatores considerados isoladamente. Em oposição ao silêncio?

Fonema em oposição ao silêncio / FONEMAS individuais opostos entre si / FONEMA por oposição à espécie FONÉTICA / FONEMA por oposição

²⁰ De acordo com Engler (1989), essa passagem engloba da 1922 até a nota 1925; entretanto nas anotações dos alunos aparecem as notas 1921, 1923, 1924 e 1925 não havendo o termo fonema em nenhuma dessas notas, mas sim a expressão ‘elementos fônicos’.

²¹ **Tradução nossa de:** On parle, dans les sources manuscrites du passage, d’ << éléments phoniques >> ou << sonores >>, non pas de << phonèmes >>, terme introduit ici et ailleurs par les éditeurs pour designer les unités fonctionnelles

À AUDIÇÃO, à SINCRONIA FISIOLÓGICA / FONEMA por oposição à ligação (...). De outras classificações semelhantes como:) delimitações semiótica do fonema (negativo apenas) / Delimitação acústica dos fonemas (em oposição ao silêncio) Delimitação fisiológicas do fonema. ²² (*apud* PARRET, 1993, p. 203).

São diversas oposições que Saussure estabelece com relação ao fonema. Parece-nos que o fonema é um elemento central, que convergem outros elementos, sejam eles de natureza diferentes ou não, para esse núcleo acústico. Além disso, é preciso ressaltar que há uma série de possibilidade delimitatórias na relação entre o fonema e outros elementos da cadeia falada. Pode-se delimitar o fonema no campo semiológico, acústico (oposto ao silêncio) e também no fisiológico.

Observa-se nessa produção saussuriana uma tentativa em conceituar o fonema a partir de vários ângulos, que não apenas o sonoro. Saussure nos mostra que um elemento com potencial distintivo como o fonema não se reduz apenas às relações possíveis com os sons da linguagem. Nesse ponto, percebemos uma tentativa de enquadramento do fonema em diversos níveis, que não apenas o nível substancial da linguagem, mas também no aspecto formal (a língua).

Em outro trecho transcrito por Parret (1993, p. 204), vemos o seguinte apontamento de Saussure

A diferença entre fonemas repousa em parte sobre os fatores negativos e como a diferença entre fonema e silencia é fundamentada sobre o mesmo princípio, podemos dizer que o fonema não somente como espécie, mas como substancia /entidade formada particularmente por fatos negativos...
Negativos teriam = não
Negativos = não fisiologicamente ativo, se = sem influência sobre os fenômenos acústicos.

Esse trecho traz-nos uma tentativa de definir o fonema, levando em conta a noção de diferença e de negatividade, a partir de dois campos, nomeados de *espèce* e *substance*. O termo *substance* é conhecido para nós, mas o termo *espèce* não. Se considerarmos esse termo desconhecido como oposto ao termo substancia, teríamos aí uma clara categorização do fonema tanto como substancia quanto como forma.

Na sequência, Saussure traz outro apontamento sobre a noção de fonema. Assim expressa

Quando se fala de cadeia fonética há sempre em vista algo concreto. Quando se fala de um fonema isolado, pode se entender por uma maneira concreta ou abstrata. Concreta é quando é concebida como ocupando um espaço / uma porção do tempo. Abstrato é quando se fala não de caracteres distintivos, mas de classe. (...) nem fim, ou fase, isso se traduziria imediatamente subespécies. O

²² **Tradução nossa de:** Phonème: soit le jeu simultané / soit la résultante acoustique de tous les facteurs requis pour une espèce phonétique et avec les variantes que comportent les espèces par opposition aux différents facteurs consideres isolément. Par opposition au silence?

PHONÈME opposé à silence / PHONÈMES individuels opposes entre eux / PHONÈME par opposition à ESPÈCE PHONÉTIQUE / PHONÈME par opposition à AUDITION, à SYNCHRONIE PHYSIOLOGIQUE / PHONÈME par opposition à CHAÎNON (...). D'autres classifications semblables, comme:) Délimitations au nom de la sémiologie du phonème (négative seulement) / Délimitation acoustique du phonème (par opposition au silence) Délimitation des causes physiologiques du phonème

fonema em uma classificação é uma idéia abstrata. O fonema em uma cadeia fonética é uma idéia concreta.²³ (*apud* Parret, 1993, p. 204)

Saussure trata aqui da questão abstrato/concreto na observação do fonema. Tomar o fonema numa concepção concreta é justamente analisá-lo a partir de uma noção temporal ou espacial, o que podemos relacionar ao princípio da linearidade, visto ser esse o princípio que situa a língua no tempo e no espaço.

A percepção de fonema ‘isolado’ no trecho acima pode ser vista como um modo de analisar, mesmo estando na cadeia falada ou nisso que Saussure nomeia de *classificação*. De modo algum vemos esse termo ‘isolado’ como um fator de estudo para os fonemas.

Nesse sentido, entendemos como ponto central desse trecho supracitado quando Saussure ressalta o aspecto abstrato do fonema a partir dessa idéia de classificação, ao contrário da idéia concreta, que fica restrito como o ambiente da cadeia falada.

Na sequência dessas elaborações, vemos uma tentativa de abordar o fonema na cadeia falada. Na realidade, essa parte do manuscrito, transcrita por Parret (1993) parece estar fragmentada, visto que ao final há uma informação entre parênteses ‘*interrompu*’. Entretanto, na parte central desse texto podemos extrair uma informação pertinente na relação do fonema com a cadeia falada:

A teoria das combinações dos fonemas não pode ser outra coisa que uma discussão de possibilidade ou impossibilidade; a constatação e a descrição das combinações existentes ne donne qu’une vue bornée.²⁴ (*apud* Parret, 1993, p. 204)

Embora tenhamos encontrado alguns termos e elaborações que dificultem um raciocínio mais preciso do termo fonema nessa produção saussuriana, podemos observar que Saussure procura explicitar a noção de fonema não em sua positividade, mas o coloca num lugar de oposição em relação a: aspectos fonéticos, auditivos e ao próprio silêncio. Além disso, como podemos observar nessa última passagem, o fonema é tomado num ambiente moldado por combinações.

Nos *Escritos de Linguística Geral* (2002) há um trecho que Saussure retoma, entre outros pontos, a relação dos fonemas num contexto de combinação

Nós teremos traçados um retrato justo da concepção geral de nossos fonologistas se dissermos que há, ou parece haver, para eles, duas condições fundamentais do fonema: uma (a respeito da qual eles evitam se explicar) em que o fonema vive, à parte, uma vida sem dúvida difícil de definir e de captar, mas dada como de tal modo evidente que não precisa ser explicada nem justificada. Depois, outra, em que o fonema, até aí solitário e flutuando no espaço, entra em combinação com outros. Essa segunda forma de existência é visivelmente considerada como um caso particular e, na realidade, nem mesmo como tal, porque não incita uma explicação clara

²³ **Tradução nossa de:** Quand on parle de chaîne phonétique on a toujours en vie une chose concrete. Quand on parle d’un phonème isolé, on peut l’entendre d’une manière concrete ou d’une manière abstraite. Concrète s’il est conçu comme occupant un espace / un portion de temps. Abstrait si l’on ne parle que des caractères distinctifs, et si l’on classe. (...) *ni fin, ni phase*; cela se traduirait immédiatement en sous-espèce. Le phonème dans la classification est une idée abstract. Le phonème dans la chaîne phonétique est une idée concrete.

²⁴ **Tradução nossa de:** La théorie des combinaisons de phonèmes ne peut être autre chose qu’une discussion de possibilité ou impossibilité; la constatation et la description des combinaisons existantes ne donne qu’une vue bornée

sobre a nova situação do *fonema*; incita apenas observações sobre o fato da combinação e sobre o fato de que, na combinação, não se pode esperar que seja tudo semelhante ao que tinha sido dito sobre o fonema “isolado”. A primeira maneira de considerar o fonema ocupa a primeira parte dos tratados. A segunda, quanto não está ausente, constitui um capítulo final, parecendo indicar a coroação da obra inicial, os resultados a que se chegam quando se faz análises penetrantes como as que se leu na outra parte. (*apud* BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 125-126)

É importante notar como o fator combinação, como também o fator ‘isolamento’ está ligado às formulações de Saussure sobre fonema. O que nos chama atenção nessa relação é que se instaura uma possível dinâmica entre esse fonema ‘isolado’, flutuante, e esse espaço de combinações. Há nesse instante de elaboração uma tentativa em postular o real funcionamento do fonema, seja como um elemento da cadeia falada, seja ele como um elemento do sistema linguístico.

Nesse sentido, observamos que, tanto nos *manuscritos de Harvard* quanto nos *Escritos de Linguística Geral*, as proposições saussurianas a respeito do fonema ainda num patamar impreciso, por vezes vago. De fato, vemos Saussure construir, ainda que com oscilações, o conceito de fonema como um elemento de valor negativo, embora esse elemento possa se situar em mais de um nível (ou ambiente): num nível semiológico, acústico ou fisiológico. Isso é relevante pelo fato de que, como vimos no percurso do CLG, o fonema também se situa entre o lado da cadeia sonora e o lado da impressão acústica.

Nisso não se pode dizer que se trata de uma substância, visto que, em ambas as produções, Saussure insiste na questão do caráter opositivo, negativo e diferencial do próprio fonema. Esses apontamentos são fundamentais para compreendermos alguns dos aspectos que serão observados nos estudos de Troubetzkoy, estudos esses que foram considerados como marco na teorização da fonologia moderna.

Embora seja consenso que Saussure não foi o fundador da fonologia e que, de acordo com alguns autores, nem mesmo o precursor dessa área, é possível observarmos que vários pontos teóricos, do CLG e também a partir dos manuscritos em Harvard diversas proposições que são bastante congruentes com as elaborações de Troubetzkoy.

A noção de oposição e diferença proclamada por Troubetzkoy em 1939, como veremos a seguir, se reconhece fortemente nas produções saussurianas. Daí difícil não se lembrar do ápice teórico de Saussure, a teoria do valor, que encerra justamente essas características tão importantes na fundação da linguística moderna: oposição e diferença.

Conquanto notemos essas particularidades sobre fonema em Saussure, a diferenciação entre fonética (análise dos sons da fala) e fonologia (análise dos sons da língua) como propõe Troubetzkoy (1939) não se encontra definida nas produções do mestre genebrino. Em Saussure, o campo fonético, ou melhor, o fonológico (se pensarmos como campo dos aspectos formais da língua) ainda é impreciso: oscila entre a forma e a substância.

5 – Troubetzkoy: uma noção moderna do fonema

Troubetzkoy (1964, p. 3) é claro ao introduzir sua obra *Principes de Phonologie* expressando que “Nós daremos à ciência dos sons da fala o nome de *fonética* e à ciência dos sons da língua

o nome de *fonologia*”²⁵. Essa distinção, tal como Saussure procedera no CLG em relação à língua e fala é um passo importante para os estudos fonológicos que se seguiram ao longo do século XX.

Retomando Saussure, Troubetzkoy afirma que embora o mestre genebrino tenha reconhecido a importante distinção entre *langue* e *parole*, “[...] ele não proclamou notadamente a necessidade de se distinguir uma << ciência dos sons da fala >> e uma << ciência dos sons da língua >> [...]”²⁶. A Fonologia, portanto, como ciência dos ‘sons da língua’ teve sua primeira manifestação em 1929 no Circulo linguístico de Praga, sendo organizada em 1930 outra conferencia sobre a fonologia e reconhecida como ciência no Congresso Internacional de linguístas de 1931 em Geneva.

A divisão entre fonética e fonologia, nesta época, ainda era tênue. Havia aqueles linguístas que aceitavam a distinção entre ambas e outros que não. Troubetzkoy, aos poucos, caracteriza os estudos dos sons da fala como uma ciência natural, que terá como objetivo analisar o lado físico e acústico da cadeia sonora, além do orgânico, isto é, da produção fisiológica. Define, então, a Fonética como sendo “la science de la face matérile des sons du langage humain” (TROUBETZKOY, 1939, p. 11).

No caso da língua, os estudos fonológicos pautam-se em delimitar e distinguir, nas línguas estudadas, quais as diferenças fônicas se ligam às diferenças de sentidos, como *elementos de diferenciação*, denominados também de marcas. Enquanto o foneticista não ignora nenhum som da fala, o fonólogo pode analisar uma cadeia sonora e notar que certos sons não são passíveis de análise, do ponto de vista da fonologia. Isso pelo fato de que nem todos os sons constituem um segmento de oposição fônica correlacionada à diferença de significado.

Entretanto, na percepção de Troubetzkoy (1939, p. 15) “[...] Apesar da independência desse princípio, um certo contato entre fonologia e fonética é necessário e inevitável”²⁷ (28). Neste aspecto, Troubetzkoy avisa que a fala pode ser categorizada a partir de três planos, o expressivo, o apelativo e o representativo. Enquanto os dois primeiros condizem estritamente ao ato da fala, o representativo é o que pode fornecer elementos para uma análise fonológica.

O plano representativo permite a análise das impressões fônicas em suas funções *culminativas*, *delimitativas* e *distintivas*. A culminativa é a função fônica que permite a existência de um somatório de unidades (palavras ou grupos de palavras) em uma determinada língua; a função delimitativa permite a marcação ou limites a partir de duas unidades, sejam essas palavras, morfemas e a função distintiva é aquela que possibilita distinguir duas unidades significantes na cadeia sonora.

Conforme Troubetzkoy (1939), a função fônica distintiva opera sobre a idéia de diferença e de oposição. Desse modo, “As oposições fônicas de uma língua permitem diferenciar as

²⁵ **Tradução nossa de:** “Nous donnerons à la science des sons de la parole le nom de *phonétique* et à la science des sons de la langue le nom de *phonologie*”

²⁶ **Tradução nossa de:** “[...] il n’a pas proclamé nettement la nécessité de distinguer une << science des sons de la parole >> et une << science des sons de la langue >> [...]”

²⁷ **Tradução nossa de:**

²⁸ Staub (1981) afirma que “Os linguístas de Praga conseguiram manter-se livres de extremismos que assolaram a Escola de Copenhague e a de Genebra. A ‘langue’, como no *Cours*, é necessariamente social, oposta à ‘parole’ que é individual (Mathesius, 1964, p. 22). Entretanto, jamais tentaram sublinhar a autonomia total da ‘langue’. Para eles, a divisão entre ‘langue’ e ‘parole’ é gradual e se apresenta como um ‘continuum’. Se em Saussure encontramos uma distinção rígida entre os dois conceitos, em Praga a distinção é sempre relativa (Korinek, 1936: 28).”

significações psíquicas entre duas palavras” (*op. cit.*, p. 33). Para Troubetzkoy, o cerne das unidades fonológicas que instauram as oposições diferenciais é o que ele nomeia de *fonemas*.

Traçando uma analogia entre os detalhes de uma imagem, Troubetzkoy (1939, p. 38) expressa que “Os fonemas são *marcas distintivas* das silhuetas das palavras” e acrescenta que o fonema pode ser descrito a partir das “[...] *somme des particularités phonologiquement pertinentes que comporte une image phonique*” (*op. cit.* p. 40). Entretanto, embora os fonemas sejam realizados a partir dos sons da linguagem, isso não significa que o fonema possa ser igualado ao som: trata-se, antes de tudo, de *uma noção linguística*. (*op. cit.* p. 42)

Assim, vimos até aqui que Troubetzkoy elenca os seguintes aspectos para o fonema: é um elemento de diferenciação na cadeia sonora; possui marcas distintivas e é uma noção linguística. As duas primeiras características somente terão valor se e somente se o fonema for uma noção linguística.

Da mesma forma, é por se tratar de um conceito linguístico que o fonema deve ser diferencial e distintivo, permitindo a ocorrência das relações de sentidos na língua. Deste modo, a própria delimitação dos fonemas na cadeia sonora implica nas relações entre o que se pode distinguir concernente à significação²⁹.

Além disso, Troubetzkoy (1939) aprofunda as noções de oposição, mostrando que uma oposição não se refere apenas às diferenças entre os fonemas, mas também às particularidades comuns entre esses elementos. Este linguísta classifica as oposições entre oposições *privativas, graduais e equivalentes*.

A oposição privativa refere-se a uma relação em que a característica de um fonema ocorre numa relação existência – falta. Um elemento se opõe ao outro quando ele é aquilo que o outro não é justamente pelo fato de faltar um aspecto do outro ou por existir um traço que não existe no outro. Troubetzkoy (1939, p. 77) dá o exemplo entre surdo – sonoro, nasal – não nasal.

Já as oposições graduais são aquelas diferenças entre as particularidades de cada fonema. Assim, o fonema *u* é oposto ‘gradualmente’ ao fonema *o* (o caráter arredondado difere num nível entre mais ou menos arredondado)³⁰. No caso das oposições equivalentes parece mesclar as oposições supracitadas: há diferenças graduais ao mesmo tempo em que podem ocorrer as privativas, ou vice-versa.

Assim, podemos observar que o edifício fonológico construído por Troubetzkoy tem como pedra principal a noção de *oposição*; em decorrência desse fundamento outros termos lhes são adjacentes: diferença, negatividade, distintivo, marca. Esses elementos, articulados no sistema linguístico possuem a função de caracterizar cada elemento numa dada significação.

A oposição, portanto, já deriva da distinção entre aquilo que é do universo da fala, seja no aspecto físico ou fisiológico (vocal), que por sua vez deve ser estudado a partir da *fonética*. A fonologia é fundada com o objetivo de observar as diferenças existentes e constitutivas dos fonemas da cadeia sonora, diferenças estas que resultam em unidades de significação em um sistema linguístico.

²⁹ A relação entre fonema e significação foi trabalhada por Jakobson (1972; 1977), tratando de um tema ainda possível de ser explorado, numa relação entre o sentido do hipograma e seus fragmentos fônicos dispersos no poema.

³⁰ Para Troubetzkoy (1939) essa característica opositiva é menos importante do que a privativa.

6 – Algumas considerações

Embora possamos concordar que em Saussure não há uma distinção entre fonética e fonologia, tal como proposto por Troubetzkoy, além de observar que em diversas passagens do CLG o termo fonema foi uma substituição de ‘elementos fônicos’, vemos que há uma tentativa de diferenciar aquilo que é da ordem da substancia e o que é da ordem de um elemento distintivo, formal.

Isso é inegável, pois, Saussure somente pode ser considerado com pai da linguística moderna pelo fato de propor uma abordagem dos fatos linguísticos situando-se no terreno da língua. Mas o que isso tem a ver com a fonologia? A fonologia e os estudos sobre o fonema em Troubetzkoy somente foram produzidos pelo fato de que a língua, na época, fora instituída discursivamente como objeto científico da linguística.

A tentativa de elaborar um conceito para a idéia de signo, na relação inicial som + idéia = unidade complexa fisiológica e mental contribui para que Saussure pudesse também aproximar-se da noção de fonema. Enquanto isso, Saussure pode expressar que o resultado dessa combinação som + idéia, ou adiantando sua formulação, significante + significado produz não uma substancia, mas uma *forma*.

Nesse sentido, a produção dessa *forma* é caracterizada como psíquica. O signo é psíquico e, portanto, o fonema também o é. Além disso, Saussure é categórico (mesmo ainda não distinguindo fonética e fonologia, tal como vemos em Troubetzkoy) ao propor que *os sons são exteriores à língua*, ou seja, pertencem à categoria fonética.

Entretanto, não há radicalidade quando Saussure busca situar o fonema: trata-se de uma *unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia* (CLG, p. 51), concordando com Troubetzkoy (1939, p. 15), quando expressou ser *inevitável* não haver certo contato entre a fonética e os estudos fonológicos.

Por outro lado, como expressamos, a Fonologia moderna é centrada no conceito de oposição. Se tomarmos, por exemplo, a *oposição privativa* proposta por Troubetzkoy, cujo fonema pode ser diferenciado pela relação entre existência – falta, podemos entrever aqui a relação de oposição saussuriana quando aponta que um dado elemento da língua pode ser classificado por aquilo que ele não é em relação aos demais.

Em Saussure, observa-se a ênfase no caráter negativo em detrimento do aspecto positivo. Nota-se também, tanto no CLG quanto nos manuscritos saussurianos de Harvard uma abordagem do fonema a partir de vários ângulos ou lugares de relação: acústico, formal e até mesmo em relação ao silêncio.

Esses pontos teóricos são como embriões ou fundamentos para os estudos fonológicos que surgirão após a primeira guerra mundial, principalmente aqueles situados no Circulo Linguístico de Praga (1926 – 1939). É nesse sentido que podemos ver que essas noções saussurianas sobre o fonema também se aproximam das formulações futuras, tal como vimos na exposição sobre os aspectos fonológicos em Troubetzkoy (1939).

De um modo geral, a percepção de Saussure sobre o fonema está em sintonia com os pontos teóricos direcionam da futura Fonologia, embora, com podemos notar num trecho dos

Escritos de Linguística Geral (2002), a distinção entre fonética e fonologia não é precisa como nos trabalhos de Troubetzkoy (1939)

[...] é essencial dizer, apenas, que toda questão fonológica é, para nós, situada absolutamente FORA DA LINGUÍSTICA, com mais razão ainda *fora da fonética*, que é uma parte determinada da linguística; e que os termos FONOLOGIA e fonética, além de não poder se confundir, não podem nem mesmo se opor. (*apud* BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 153)

Entretanto, no que se trata da noção de fonema (por mais evidente que seja este termo seja um vocábulo, inserido pelos editores do *Curso de Linguística Geral*, no lugar de ‘elementos fônicos’) há uma elaboração nessa obra que busca diferenciar aquilo que é da ordem da substancia e o que é da ordem de um elemento distintivo, formal, não somente no signo linguístico, mas também nas unidades fônicas da língua.

Retomando, portanto, a produção saussuriana sobre os anagramas após essa longa abordagem dos diversos pontos teóricos sobre o conceito de fonema, se pode considerar que os fragmentos de um hipograma observados nos versos dos poemas, sejam eles nomeados de fonemas ou elementos fônicos, são formas e não substancia.

Isso pelo fato de que o pensamento saussuriano, mesmo no CLG e nos manuscritos de Harvard, na época dos anagramas ou até mesmo antes, é pautado na busca por uma análise dos elementos linguísticos pautados na relação de diferença, oposição e negatividade. Como Saussure havia colocado isso produz uma forma e não uma substancia.

Assim, é fato de que um fonema ou um elemento fônico de um nome hipogramático deve ser caracterizado como elemento formal, mesmo que disperso na superfície do poema. A reconstituição desse nome dependerá das diferenças que ele possui em relação aos demais fonemas do poema.

Essas diferenças, que o caracterizam, ajudam na identificação de que se trata de um fonema hipogramático e não apenas de outro elemento substancial. Deste modo, para além da intenção poética ou de uma suposta ilusão de Saussure concernente ao fenômeno dos anagramas, a recomposição de um nome ou de outro texto sob o texto se dá a partir da lei que rege a língua, a lei de que cada unidade existe por oposição às demais unidades.

Referências

ARON, Thomas. **Une seconde révolution saussurienne?**. In: *Langue française*. v. 7 n. 1. *La description linguistique des texts littéraires*, 1970.

BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. **Escritos de Linguística Geral**. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: Pró e Contra**. Trad. Maria E. Leuba Salum. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.

DE MAURO, Tulio. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique**. Paris: Payot, 1974.

ENGLER, Rudolf. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique** (Tome 1). Otto Harrassowitz: Wiésbaden, 1989 [1968].

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. (1981). **A Língua Inatingível**. Trad. Bethânia Mariani e Maria E. C. de Mello. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2004.

JAKOBSON, Roman. **La première Lettre de Ferdinand de Saussure sur les anagrammes**. In: L'Homme, 1971.

_____. **Fonema e Fonologia**. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro : Livraria Academica, 1972.

_____. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Trad. Luís Miguel Cintra. Lisboa : Moraes Editores, 1976.

LAROUSSE. **Dicionário enciclopédico ilustrado**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

PARRET, Herman. Les manuscrits saussuriens de Harvard. In : **Cahiers Ferdinand de Saussure 47**.

PÊCHEUX, Michel. **Sobre a (Des-) construção das Teorias Linguísticas**. In: Línguas e Instrumentos Linguísticos. Campinas: Pontes Editores, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de **Curso de Lingüística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger Tradução A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5^a. Ed. São Paulo: Cultrix,1973.

SILVA, Karen Alves. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. In: **Revista Letras & Letras**. V. 25 n. 1 jan./jun. 2009, UFU – Uberlândia.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure**. Tradução Carlos Vogt. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. Les mots sous les mots, 1971.

TROUBETZKOY, Nicolai. **Principes de Phonologie**. Traduits par J. Cantineau. Paris: Édition Klincksieck, 1964.

WUNDERLI, Peter. **Saussure's anagrams and the analysis of literary texts**. In: The Cambridge Companion to Saussure. Edited by Carol Sanders, Cambridge University Press, 2004.